

Valentim dos Santos de Carvalho (1739-1805)

Corporativismo e relações artísticas nas oficinas setecentistas de escultura

SANDRA COSTA SALDANHA

Secretariado Nacional para os Bens Culturais da Igreja

A produção escultórica setecentista em Portugal perdura, de longa data, marcada pela figura tutelar de Joaquim Machado de Castro (1731-1822). Vinculado às grandes empreitadas régias, ao mestre conimbricense têm-se associado um sem número de obras, em atribuições mais ou menos fundamentadas, carentes de revisão. No que à escultura em madeira concerne, concretamente, é desde logo o próprio quem esclarece: “os off.^{es} desta Caza não tem pratica de Trabalhar em Madr.^a sempre em Cazos Sem.^{es} occupo outros de fora”¹.

Envolto nessa aura de um mestre (hiperbolicamente) profícuo - claramente enaltecida pela historiografia oitocentista, mas particularmente alimentada no século XX - a Machado de Castro têm-se ainda associado os nomes de vários artistas, supostamente, actuantes na esfera do escultor. Época marcada por uma geração onde poucos se distinguiram, se, com efeito, alguns foram seus colaboradores (discípulos ou ajudantes), outros tantos, à falta de estudos que deem a conhecer os seus perfis biográficos, permanecem totalmente desconhecidos e com obra por identificar.

Neste quadro, visa o presente estudo, em primeiro lugar, sublinhar a centralidade desses escultores que, à margem dos circuitos oficiais, desenvolveram significativa actividade na capital. Particularmente especializados na produção de obras em madeira, é de Cirilo Volkmar Machado (1748-1823) a afirmação, a partir da qual, se tem assumido a Calçada de Santo André como ponto de fixação de vários escultores no século XVIII: “Por estes tempos viverão em Lisboa alguns Escultores em madeira, que têm laboratório publico na Calçada de Santo André” (Machado, 1823: 259).

Assumindo como certa a concentração de mestres e oficiais neste arruamento, a verdade é que Cirilo elenca os nomes de apenas sete escultores: Manuel Vieira, Manuel

Dias, Jerónimo da Costa, António dos Santos da Cruz, Nicolau Pinto, Valentim dos Santos de Carvalho, e um “outro Valentim” (Machado, 1823: 260).

Imaginários e santeiros, relegados para um plano secundário no universo dos estudos que à escultura se dedicam, a marginalidade do tema assenta, ainda, na subalternização do próprio objecto artístico - as peças de imaginária - num contexto essencialmente definido pela encomenda de escultura devocional.

Por outro lado, num período marcado pela ausência de academias, a falta de um sistema de ensino organizado seria claramente colmatada, até meados de Setecentos, por estas oficinas que, seguindo a tradição da transmissão familiar do ofício, se fixaram em vários arruamentos da capital. Para além da qualidade (desconhecida) e quantidade (incalculável) das obras produzidas, emerge de especial relevância o seu papel na formação de inúmeros artistas, entre os quais, alguns de particular influência no panorama escultórico setecentista².

Com o recente desenvolvimento dos estudos em torno das primeiras instituições oficiais de ensino (nomeadamente, as escolas de Mafra e Lisboa, ou as várias aulas régias pombalinas), a investigação sobre o tema perdura descurada, cristalizada no testemunho de Volkmar Machado. Essenciais na aprendizagem e exercício profissional de dezenas de escultores, oriundos de diferentes pontos do país, tarda em emergir uma investigação sólida e, com ela, um mais completo conhecimento das práticas artísticas coevas.

É pois, neste contexto, que se enquadra a actividade de Valentim dos Santos de Carvalho, escultor activo em Lisboa na 2ª metade do século XVIII, a que particularmente consagramos este artigo.

Na página seguinte:

Valentim dos Santos de Carvalho, *São Sebastião*, 1801.

Igreja de Nossa Senhora da Pena, Lisboa.

Foto autora



ASCENDÊNCIA E DADOS FAMILIARES

Artista sobre o qual praticamente nada se sabe, é também Cirilo Volkmar Machado quem fornece os primeiros dados biográficos sobre o escultor: “discípulo de outro Valentim fez o S. Sebastião da Pena, e outras imagens, e morreu em 1806 de 61 ou 62 anos.” (Machado, 1823: 260).

Fruto da investigação desenvolvida, podemos hoje complementar esta informação. Nascido em Lisboa a 14 de Fevereiro de 1739, e baptizado duas semanas depois na igreja de Santa Justa, Valentim dos Santos de Carvalho era filho de Joaquim dos Santos e de Rosa Maria Joaquina. Irmão de Gregório Taumaturgo dos Santos e de Félix dos Santos de Carvalho, o primeiro enveredaria por uma prestigiada carreira como juriconsulto³; enquanto o segundo, detentor de vários cargos públicos nas primeiras décadas de Novecentos, assumiria funções de Contador Geral da Junta dos Juros dos Reais Empréstimos e Oficial Maior da Contadoria. Valentim dos Santos de Carvalho não seguiria, aparentemente, a formação académica e rumo profissional dos irmãos, vindo a consagrar o seu percurso ao exercício de um ofício mecânico.

Herdeiro de uma formação oficial, como veremos, foi casado com Gertrudes Vitória Rosa Travassos⁴, com quem contrai matrimónio no ano em que completa 50 anos de idade, na igreja de Nossa Senhora da Pena, a 17 de Janeiro de 1789.

Com residência na mesma freguesia, onde tem oficina e loja aberta, viria a falecer aos 65 anos de idade, a 19 de Janeiro de 1805, na Rua dos Birbantes⁵.

A FORMAÇÃO: NOVOS DADOS SOBRE UM OUTRO VALENTIM

Iniciado nas lides artísticas em meados de Setecentos, um primeiro contacto de Santos Carvalho com o universo da escultura deverá ter ocorrido, desde logo, pela proximidade da residência familiar a vários mestres e oficiais nas freguesias do Socorro e da Pena, onde cresceu e viveu. Zonas de Lisboa particularmente prósperas na fixação de diversos artistas, a título meramente ilustrativo, identificá-mos nesses pontos da capital, entre 1755 a 1765, nomes como os dos escultores Manuel Rodrigues Garcia, Joaquim Bernardes, Raimundo da Costa, Jerónimo da Costa ou Nicolau Pinto; e dos pintores José António Narciso ou Miguel António do Amaral.

Quanto à formação de Valentim dos Santos de Carvalho, informara Cirilo, como vimos, ter sido discípulo “de outro Valentim”. Perpetuando, sem mais investigação, o nome de um outro escultor anónimo, tal informação seria sistematicamente reiterada pela historiografia posterior. Sabemos hoje tratar-se de Valentim Gomes da Fonseca⁶.

Fixado em Lisboa na freguesia de Santa Justa, uma das zonas com maior concentração de escultores, é muito interessante verificar as relações pessoais, familiares e profissionais estabelecidas entre os diferentes mestres por estes tempos. Enformando um fenómeno corporativo ímpar, objecto de atenção noutros domínios da História da Arte (como a talha ou a azulejaria), encontra-se totalmente por analisar no domínio específico da escultura. Emerge, porém, como um aspecto fulcral para a compreensão do contexto profissional em que se movem estes artistas.

É o caso de Fonseca, cujo início de actividade se encontra directamente ligado à de Manuel Dias (1688-1755), um



Valentim dos Santos de Carvalho, *Nossa Senhora do Carmo*, 1782.
Basílica da Estrela, Lisboa.
Foto Nuno Saldanha

dos mais ilustres nomes da escultura portuguesa de Setecentos. Casado com Maria Assunção, filha do célebre “Pai dos Cristos”, morava então à Rua dos Alamos, a mesma onde, de longa data, residia também o seu sogro. Artéria da capital que ficaria totalmente arruinada com o terramoto, aí se regista a morte do próprio Manuel Dias⁷, e de dois aprendizes de Valentim Gomes da Fonseca (Feliciano e José)⁸. Desapareciam assim, no fatídico 1 de Novembro de 1755, duas das mais operosas oficinas lisboetas de escultura.

Salvo da catástrofe, Fonseca muda-se para o Campo de Santa Ana (ou do Curral, actual Campo Mártires da Pátria)⁹, na freguesia de Nossa Senhora da Pena, onde as relações de proximidade com outros escultores prosseguem. É o caso de Nicolau Pinto, primeiro mestre de Joaquim Machado de

Na página seguinte:
Gerard Seghers (pint.), Paulus Pontius (grav.)
São Sebastião, 1630.
Foto Rijksmuseum



REVERENDISSIMO AC PERILLVSTRI DÑO D.GEORGIO CHAMBERLAIN IPRENSIS ECCLESIE PRÆSVLLI DIGNISSIMO
 S. SEBASTIANVM diuini Amoris magis quam Barbarorum telis faucium, quem nuper a se coloribus illustratum
 demo sua dignatus est, eundem stile adumbratum in obsequij obieruantiaq; argumentum L.M.Q.D.C. Gerardus Seghers.

Gerardus Seghers sculpsit.

*Vulnera fœci Amor hostili licet hausca phœtrâ
 sua seâ vè curem pungit vè vngat Amor.*

Paulus Pontius fecit.



Detalhe da assinatura de Valentim dos Santos de Carvalho.
São Sebastião, 1801. Igreja de Nossa Senhora da Pena, Lisboa.
 Foto autora

Castro em Lisboa, cujo casamento o escultor testemunha em 1748, ou José de Almeida (1708-1770), seu vizinho, fixado ao Paço da Rainha.

Quanto à obra deste escultor, mestre de Valentim dos Santos de Carvalho, totalmente por identificar, é de novo Cirilo quem, vagamente, sugere a sua popularidade: “punha em pratica toda a sorte de industria para dar grande idéia das suas produções, principalmente áquelles que lhas encommendavão”, identificando, como obras de sua autoria, “a Senhora Mãe dos homens da Bemposta, o Senhor dos Perdões da Magdalena, &c.” (Machado, 1823: 260). A primeira, por localizar, certamente feita por intermédio e influência de Almeida, autor do primeiro modelo desta nova invocação mariana (Saldanha, 2011); a segunda, destinada à capela do Senhor Jesus dos Perdões da igreja da Madalena, ainda hoje ali se conserva (Araújo, 1950: 12)¹⁰.

A associação de Valentim dos Santos de Carvalho à Calçada de Santo André - onde Cirilo situa a sua oficina - decorre, aparentemente, da proximidade a outros imaginários, tipicamente, estabelecidos no célebre arruamento. De facto, nunca ali se fixou efectivamente, mas sim nas proximidades, na freguesia da Pena, onde residiu e teve loja aberta na Rua Direita de Santa Ana¹¹. Na prática, Cirilo refere-se genericamente aquela zona da capital, em torno da qual, estamos hoje em condições de afirmar, se fixaram diversos escultores.

ALGUMAS OBRAS

Conhecido o contexto familiar e profissional em que se moveu Valentim dos Santos de Carvalho, permanecem agora por desvendar os trabalhos realizados.

Uma das primeiras intervenções a que se encontra associado coloca-o em estreita colaboração com a Escola de Escultura de Lisboa, na década de 70 do século XVIII, concretamente, como colaborador de Joaquim Machado de Castro na estátua equestre de D. José I. Segundo Cirilo, “como a obra era muito laboriosa, o Director admittio outros Escultores de fôra, e forão Nicoláo Villela, e Valentim, Antonio Machado, e Manoel Lourenço.” (Machado, 1823: 264). Pouco claro quanto à participação deste escultor nos trabalhos, nomeia alguém de nome Valentim, sem especificar o apelido. Entre Santos de Carvalho, ou Fonseca, enquadra-se o primeiro, mais cabalmente, no contexto (artístico e etário) dos restantes elencados. Valentim dos Santos Carvalho deverá, assim, ter sido admitido logo nos anos iniciais de formação da Escola de Lisboa, em 1772, na mesma época em que ingressam os ajudantes oriundos da Aula de Mafra.

Sem mais notícias por estes anos, voltaremos a encontrar o artista associado a outras encomendas coordenadas por Machado de Castro, já no reinado de D. Maria I. Recorrendo à subcontratação de escultores externos (não



São Sebastião
Igreja de São Pedro, Dois Portos.
Foto Nuno Saldanha



São Sebastião
Museu Nacional de Arte Antiga, Lisboa (inv. 3457 Des).
Foto DGPC/ADF

integrados na sua Aula) para a execução de obras em madeira, incluíram-se entre esses, Valentim dos Santos de Carvalho, Nicolau Vilela, Manuel Vieira, ou João da Vila.

Neste contexto, Santos de Carvalho participa na empreitada da basílica da Estrela, para onde realiza, em 1782, uma imagem de *Nossa Senhora do Carmo*¹². Com peanha da autoria do entalhador José António Lisboa¹³, recebe o escultor, pelo “feitio” da imagem, a soma de 62\$400 reis¹⁴.

No final do mesmo ano, voltará a trabalhar para a Casa Real, intervindo no presépio da infanta D. Maria Ana Vitória, destinado ao Paço da Ajuda. Peça que não terá sobrevivido por mais de uma década, certamente destruída pelo fogo que arrasou o palácio em 1792, também aqui trabalhará em colaboração com o entalhador José António Lisboa, autor da maquete¹⁵. Autor das três figuras principais - as imagens em barro de Jesus, Maria e José - seria ainda incumbido de modelar uma segunda imagem do Menino, “em diversa posição”, para “adoração dos Reis”¹⁶.

Da sua actividade, apenas voltaremos a ter notícias quase duas décadas depois, em 1801, naquele que terá sido um dos seus últimos trabalhos. Trata-se de uma imagem de *São Sebastião*, realizada para a igreja de Nossa Senhora da Pena, paróquia da sua morada profissional onde, de longa data, podia admirar o magnífico *São Miguel* da autoria de Manuel Dias. Para além das inegáveis qualidades plásticas, reveste-se esta

derradeira obra de particular interesse, por constituir uma das raras peças assinadas e datadas, entre o vasto acervo da imaginária setecentista nacional: VALENTINUS EX SANCTIS CARVALIUS LUSITINVS ET FECIT OLISIP ANNO MDCCCI.

Representação filiada no mais célebre modelo do pintor flamengo Gerard Seghers (1591-1651)¹⁷, sobretudo difundido pela gravura de Paulus Pontius (1603-1658), dela se encontra paralelo, por exemplo, em imagens conservadas nas igrejas de São Vicente de Fora, Mafra ou Dois Portos.

Obra certamente admirada pelos seus pares (a única elencada por Cirilo nas suas *Memórias*), é ainda interessante sublinhar que tenha servido de modelo na Academia de Belas Artes. Assim o atesta um desenho a carvão oriundo da instituição¹⁸, com a inscrição: “De Valentim dos S.^{tos} na Igr.^a da Pena”. Não deverá, nesse sentido, tratar-se de um traçado preparatório da obra, ou estudo autógrafo, mas antes de um registo posterior, elaborado no quadro dos programas pedagógicos da Academia, concretamente, na aula “De Escultura”, como anotado no próprio desenho.

Original onde o escultor se identifica como “Lusitinv”, poderá tal indiciar que Valentim dos Santos de Carvalho tenha estado ausente de Portugal. Hipótese por explorar, não será, contudo, estranha no seu quadro de actividade. Verificando-se semelhante circunstância com o seu contemporâneo (colega e vizinho) Manuel Vieira, em Espanha por

este tempo, justificaria, por ventura, o hiato atrás assinalado. Efectivamente, retirado da morada habitual na década de 80, isso mesmo regista o cobrador de maneio nos livros da *Décima*: “Não se cobrou por não haver no fº do deverdor”¹⁹.

Atendendo à longevidade da sua oficina, documentada por mais de meio século, resta-nos a consciência de que

1. ARQUIVO NACIONAL DA TORRE DO TOMBO - *Intendência das Obras Públicas*. Liv. 2 (1794-1808), fl. 33. V. Cit. Faria, 2008: 68.
2. Como Manuel Dias (1688-c.1754), Joaquim Machado de Castro ou Joaquim José de Barros Laborão (1762-1820).
3. Formado em Direito pela Faculdade de Leis da Universidade de Coimbra, em 1782, aí se regista a respectiva matrícula, a 16 de Novembro de 1778. Cf. ARQUIVO HISTÓRICO DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA - *Universidade de Coimbra*. Livros de Matrículas (1778-1782), Vols. 7-10.
4. Viúva desde 1787 do vice-almirante João Teodoro de Oliveira (com o qual casara a 20 de Fevereiro de 1781), cavaleiro, oficial, comendador, grande oficial e grã-cruz da Ordem de São Bento de Avis. ANTT - *Registos Paroquiais*. Freguesia de Nossa Senhora da Pena. Livro de Casamentos Nº 17, fl. 287 v.; Freguesia de Santa Catarina, Livro de Casamentos Nº 16, fl. 2.
5. ANTT - *Registos Paroquiais*. Freguesia de Nossa Senhora da Pena, Livro de Óbitos Nº 9, fl. 266.
6. Baptizado na igreja de Nossa Senhora do Socorro a 24 de Fevereiro de 1711, era filho de Manuel Gomes da Fonseca, um sapateiro de Abrantes fixado em Lisboa na Rua dos Cavaleiros, e de Maria Rosa, natural de Lisboa. ANTT - *Registos Paroquiais*. Freguesia do Socorro, Livro de Baptismos Nº 6, fl. 112.
7. Data até agora desconhecida, foi erradamente referida por Cirilo Volkmar Machado a 20 de Março de 1754 (Machado, 1823: 259). Novos dados sobre este escultor serão divulgados em breve, no estudo recentemente concluído, *Manuel Dias (1688-1755), o “Pai dos Cristos”*, a aguardar publicação.
8. ANTT - *Registos Paroquiais*. Freguesia de Santa Justa, Livro de Óbitos Nº 5, fls. 111v e 115 v.
9. Morada que se assinala no testemunho do escultor a propósito do célebre conflito dos filhos bastardos de D. João V, os meninos de Palhavã, com Sebastião José de Carvalho e Melo. Incidente que culminaria com o desterro de D. António e D. José para o Buçaco, poucas semanas após a prisão (a 10 de Outubro de 1760), regista-se nos Autos de Devassa de Inconfidência o testemunho de Valentim Gomes da Fonseca, segundo o qual, “a causa da prisão dos Snrs. de Palhavã... tinha sido porque, indo o dito Snr. Conde a Palhavã, e sobre razões que tivera com os ditos Snrs., estes lhe chegaram a dar; e que, queixando-se o dito Snr. Conde a Sua Majestade, os mandara prender; mas que tinham feito mal em o não matar, porque, como eram irmãos de El-Rei, nada se havia seguir.”. *Autos de Devassa de Inconfidência, que sem limitação de tempo nem de número de testemunhas, foi Sua Majestade servido, por seu Real Decreto, mandar tirar*, fl. 50. Cit. por Martins, 1964: 423.

permanece por apurar o essencial da obra deste escultor. Sendo ainda escassos os elementos apurados, afiguram-se, contudo, pertinentes para encetar a análise do seu trabalho que, à semelhança de muitos contemporâneos, permanece oculto na obscuridade do anonimato. ■

10. Imagem que viria a substituir uma outra, destruída com o terramoto de 1755, reza a tradição que, restando da imagem original apenas um cravo, os devotos do Senhor Jesus dos Perdões encomendariam a nova imagem ao escultor Valentim Gomes.
11. Como se confirma nos livros de pagamento dos impostos de maneio (M) e arruamento (AR), desde 1764 (ano a partir do qual se inicia a cobrança) e 1781. Cf. ARQUIVO HISTÓRICO DO TRIBUNAL DE CONTAS - *Décima da Cidade*. Freguesia da Pena, Livros M924, AR924, AR926, AR927, M927, M930, M933, M935, M937, M939.
12. Hoje conservada na sacristia da igreja. “Portar.^a do primeir.^o de Julho [de 1782] Pella qual se pagou a Vallentim dos S.^{tos} de Carvalho e Joze Antonio Lisboa aquelle o feito e hua Imagem de N.^a Snr.^a do Carmo 52:800 r.^s a parte a sua pianha por 9:600 r.^s q. ambas as parcelas incluídas em huma conta importante 62\$400. Cujá imagem foi p.^a a R.^l Igreja do SS.mo Coração de Jezus”. ANTT - *Intendência das Obras Públicas*. Livro-Diário Nº 96, fl. 99 v.; AHTC - *Erário Régio*. Livro 4307, fl. 258. Publ. Saldanha, 2012a: 179.
13. José António Lisboa realizou para a basílica da Estrela algumas peanhas para esculturas, nomeadamente, a de *Nossa Senhora do Carmo* (penha: 9\$600), de Valentim dos Santos Carvalho e a de *Santa Teresa de Jesus*, da autoria de Manuel Vieira. Cf. ANTT - *Intendência das Obras Públicas*. Livro-Diário, N.º 96, fls. 99 v e 130 v. Publ. Saldanha, 2012a: 179.
14. Também na sacristia da igreja de Nossa Senhora da Pena, para a qual Valentim dos Santos Carvalho realizará uma das suas últimas obras, existe uma imagem de *Nossa Senhora do Carmo*, bastante semelhante a esta. Cf. Saldanha, 2012a: 179.
15. “1 Conta de João Glz Barrozo de 30 de sbr.^o de 15 V.^{as} de oliado groço q vendeo da sua Fabrica p.^a resgoardo dos Prezepios ... 9\$000; 1 D.^a de Joze Antonio Lx.^a de 19 de Dezembro de huma Maquineta q fez com columnas, e capiteis entalhados para hum presépio ... 14\$400”. ANTT - *Intendência das Obras Públicas*. Livro-Diário Nº 96, fl. 146 v. Publ. Franco, 2010: 35.
16. “1 D.^a [Conta] de Valentim dos S.^{tos} de Carvalho de 28 de Dezembro na factura das Imagens Jezus, Maria, Joze p.^a o Nascim.^{to} p.^r 24\$000; e huma Imagem do Mínio em diverssa posição p.^a adoração dos Reys; tudo para o Prezepio da Sr.^a Infanta D. Maria Anna Victoria ... 30\$000”. ANTT - *Intendência das Obras Públicas*. Livro-Diário Nº 96, fl. 146 v. Publ. Franco, 2010: 36.
17. *São Sebastião*, 1630, hoje na Petworth House and Park, West Sussex.
18. Hoje no Museu Nacional de Arte Antiga (inv. 3457 Des.).
19. AHTC - *Décima da Cidade*. Freguesia da Pena, Livro M935.

BIBLIOGRAFIA

ARAÚJO, Norberto de (1950) - *Inventário de Lisboa: Monumentos Históricos*. Lisboa: Câmara Municipal.

FARIA, Miguel Figueira de (2008) - *Machado de Castro (1731-1822)*. Lisboa: Livros Horizonte.

FRANCO, Anísio (2010) - Histórias dos presépios em Portugal. In *Esculturas de Género: presépio e naturalismo em Portugal*. Lisboa: Museu Nacional de Arte Antiga. p. 27-38.

MACHADO, Cirilo Volkmar (1823) - *Collecção de Memórias Relativas às Vidas dos Pintores, e Escultores, Architetos e Gravadores Portugueses, e dos Estrangeiros, que Estiverão em Portugal*. Lisboa: Imp. de Victorino Rodrigues da Silva.

MARKL, Alexandra Gomes (2012) - *Da Ideia à Forma: Desenhos de escultura em Portugal, séculos XVII a XIX*. Folha de sala da exposição patente no Museu Nacional de Arte Antiga. 16 de Outubro de 2012 a 13 de Janeiro de 2013.

MARTINS, Abílio (1964) - Pombal no Palácio de Palhavã. *Brotéria: Revista Contemporânea de Cultura*. Vol. 79, Nº 5 (Nov. 1964) p. 419-432.

SALDANHA, Sandra Costa (2011) - Santa Maria, Mãe dos Homens. Difusão do culto pela imagem: arte e iconografia. *Invenire: Revista de Bens Culturais da Igreja*. Lisboa: SNBCI. N.º 3 (Jul.-Dez. 2011) p. 11-15.

____ (2012a) - A escultura da basílica da Estrela. In RODRIGUES, Ana Duarte; FRANCO, Anísio, Coord. - *O Virtuoso Criador: Joaquim Machado de Castro (1731-1822)*. Cat. da exposição. Lisboa: Museu Nacional de Arte Antiga - Imprensa Nacional Casa da Moeda, p. 178-181.

____ (2012b) - *Alessandro Giusti (1715-1799) e a Aula de Escultura de Mafra* [texto policopiado] Coimbra: [s.n.]. Dissertação de Doutoramento em História, variante História da Arte apresentada à Faculdade de Letras Universidade de Coimbra. 2 Vols.